



8º Encontro Internacional de Política Social
15º Encontro Nacional de Política Social
Tema: Questão social, violência e segurança pública:
desafios e perspectivas
Vitória (ES, Brasil), 16 a 19 de novembro de 2020

Eixo: Questão agrária, urbana e ambiental.

Os pescadores de Regência Augusta (ES) e o rompimento da barragem de Fundão

Aristela Vieira de Sousa ¹
Angélica do Nascimento Martins ²

Resumo: O presente estudo tem-se por objetivo analisar como o rompimento da barragem da Samarco em Fundão influenciou na cultura e trabalho dos pescadores artesanais residentes na vila de Regência Augusta/ES. A metodologia realizada foi um estudo de caso, tendo por suporte a pesquisa de campo, a análise documental e a revisão de literatura sobre a temática. A vila de Regência Augusta/ES foi uma das 19 vilas atingidas no Espírito Santo, e a escolha da pesquisadora em estudar esse local deu-se pela forte mobilização dos pescadores em torno do crime ambiental e humano cometido pela Samarco. Após o rompimento no dia 05 de novembro de 2015 houve uma drástica mudança no intercâmbio entre comunidade e meio ambiente, rompendo com as formas de trabalho em reação ativa a barbárie.

Palavras-chave: Pescadores artesanais; Samarco; Trabalho.

The Regência Augusta (ES) fishermen's and the rupture of Fundão dam.

Abstract: This study aims to analyze how the rupture of the Samarco dam in Fundão influenced the culture and work of artisanal fishermen living in the village of Regência Augusta/ES. The methodology used was a case study, supported by field research, document analysis and literature review on the subject. The village of Regência Augusta/ES was one of the 19 villages affected in Espírito Santo, and the researcher's choice to study this place was due to the Strong mobilization of fishermen around the environmental and human crime committed by Samarco. After the breach on November 5, 2015, there was a drastic change in the Exchange between the Community and the environment, breaking with the ways of working in an active reaction to barbarism.

Keywords: Artisanal fishermen; Samarco; Work.

Introdução

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa realizada pela autora e tem por pretensão analisar as condições de trabalho e socioeconômica dos pescadores artesanais residentes na vila de Regência Augusta. Considerando os dados obtidos através da pesquisa de campo, busca-se analisar ao longo do texto as condições de culturais e de trabalho vivida pelos pescadores após o rompimento da barragem da Samarco em Fundão no dia 05 de novembro de 2015.

Situada no Estado do Espírito Santo, Regência Augusta é um município de Linhares, localizada a 129 km ao norte de Vitória – capital do Estado. Encontra-se a cerca de 7 km da Reserva Biológica de Comboios e está cercada pelo rio Doce e o oceano

¹Mestranda em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

E-mail: aristelavieira08@gmail.com

² Mestre em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

E-mail: angelicanasc.martins@yahoo.com.br.

Atlântico e tem como fonte predominante de renda a atividade pesqueira seguida pelas atividades de comércio e turismo (LEONARDO, *et. al*, 2017; BICALHO, 2011; 2012). Na vila de Regência encontra-se cerca de 120 pescadores artesanais³, sendo 30 mulheres e 90 homens que exerciam suas atividades de pesca tanto em mar quanto em rio⁴. Ressaltamos que embora de forma indireta ou direta os moradores se envolvam com o intercâmbio homem-mar, apenas 120 são cadastrados na Associação de Pescadores da vila.

Sendo uma das vilas dentre as 19 regiões atingidas pela pluma de rejeitos da Samarco Mineração S. A., os moradores daquele lugar tiveram seu modo de vida completamente destruído pelas relações sociais marcadas pelo capitalismo, pois, “os limites do capital para serem suprimidos sempre exigiram destruições catastróficas, nem que isso custe à continuidade da vida humana na terra. Esta é a grande contradição do nosso tempo (MENEGAT, 2012, p. 05)”. Por conta da contaminação das águas tanto do rio quanto do mar os pescadores foram impossibilitados de realizar sua atividade de lazer e pesca nesses locais, submetendo-se a um “benefício”⁵ no valor de um salário mínimo – mais 20% por filiação residente no domicílio e uma cesta básica – para administrar as despesas no que tange a reprodução da vida. Esse “benefício” é integrante ao Termo de Ajustamento de Conduta (TTAC), onde através da união dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, juntamente com as empresas Samarco M. A./ B.H.P Climpton e os órgãos ambientais, criaram a Fundação RENOVA. Essa fundação surgiu para pensar alternativas de ressarcimento para os atingidos pela barragem desabada, e o seu principal objetivo é e proporcionar a distribuição dos auxílios disponibilizados pela empresa – através de cadastramento de pessoas físicas e jurídicas com o objetivo de traçar um perfil de “atingido” – e o desenvolvimento de estudos que aprofundem a dimensão do impacto socioeconômicos dos distritos afetados (LEONARDO *et al*, 2017).

Partimos do pressuposto, no desenvolver desse estudo que as catástrofes – tal como os rompimentos de barragens – que se configuram como crimes ambientais e humanos estão ancoradas a uma lógica de destruição pautada na organização da vida social pelo

³ Entendemos por pescadores artesanais o tipo de pesca que utiliza instrumentos de fabricação própria, tal como quantidades limitadas de pescado e ofício que nasce da experiência e da tradição.

⁴ Essas informações estão presentes no diário de campo do dia 13 de julho de 2018.

⁵ Essa terminologia é usada pela empresa Samarco M. A.

capital, que segundo Marx (2017a), a destrutibilidade da natureza e do homem fazem parte de sua relação antitética.

O trabalho conta com uma pesquisa de campo, realizada na comunidade de Regência Augusta em junho de 2018, assim como revisão de literatura sobre as temáticas trabalho, crise do capital e meio ambiente. No decorrer da apresentação das falas dos pescadores entrevistados, optou-se por colocar codinomes que se remetessem a aspectos da região, como tipos de peixe e utensílios de pesca, a fim de realizar uma conexão entre comunidade e pesquisa.

Nesse sentido, analisaremos em um primeiro momento a crise do capital – sob a luz das análises de Marx e seus contemporâneos – e suas implicações no Brasil a partir da década de 1980. Após essa análise, discutiremos a inserção de Regência nessa realidade, quanto a produção e reprodução da vida em comunidade sob intercâmbio direto homem-natureza.

A crise do capital e a relação centro-periferia

O capitalismo é um sistema orgânico de produção e reprodução social que surgiu entre os limites da sociedade feudal e início da sociedade moderna – através da revolução burguesa, entre os séculos XVIII e XIX – e que no decorrer do tempo histórico, apresentou constante movimento de transformação e “adaptação” no que tange as formas de organização da vida material (BOTELHO, 2009). Marx ao analisar as formas de sociabilização que emergia com a Revolução Burguesa e a Revolução Industrial, observou que “pela primeira vez na história registrada, a pobreza crescia na razão direta em que aumentava a capacidade social de produzir riquezas” (NETTO, 2010, p. 04), ou seja, havia uma contradição posta no cerne social que se manifestava em dois extremos – pobreza e riqueza – ambas produzidas pelo mesmo sistema e sob antagônica forma de relação social.

Netto (2010, p. 08) expõe que:

A exploração não é um traço distintivo do regime do capital (sabe-se, de fato, que formas sociais assentadas na exploração precederam largamente a ordem burguesa); o que é distintivo desse regime é que a exploração se efetiva no marco de contradições e antagonismos que a tornam suprimível sem a supressão das possibilidades mediante as quais se cria exponencialmente a riqueza social. Ou seja: *a supressão da exploração do trabalho pelo capital, constituída a ordem burguesa e altamente desenvolvidas as forças produtivas, não implica – bem ao contrário – redução da produção de riquezas* (ou seja, a produção de bens e serviços necessários à vida social, a produção de valores de uso).

Como assinala Netto (2010) na assertiva acima, dentre os períodos históricos da

sociedade, houve outras formas de dominação do homem sobre o homem. Marx e Engels (2010) partem da premissa de que sempre existiu na história social uma luta entre classes antagônicas, nas quais eram representadas por “homens livres e escravos, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, mestre de corporação e companheiro, em resumo, opressores e oprimidos, em constante oposição” (MARX; ENGELS, 2010, p. 40). Porém, com o modo de produção capitalista, as relações de exploração da força de trabalho manifestam-se como “troca de iguais”, onde de um lado encontra-se o capitalista – comprador da força de trabalho – e do outro o trabalhador – que não tem mais o que oferecer além de seu trabalho como mercadoria (MARX, 2017a). Com o desenvolvimento das relações de produção engendradas pelo capital, este sofre modificações e novas formas estruturais de dominação, o qual entre o século XIX e XX há uma mudança de “fase”, que passa de capitalismo concorrencial, ao capitalismo de monopólios (NETTO, 2011). O autor destaca que “[...] o capitalismo monopolista⁶ recoloca, em patamar mais alto, o sistema totalizante de contradições que confere à ordem burguesa os seus traços basilares de exploração, alienação e transitoriedade histórica, todos eles desvelados pela crítica marxiana (NETTO, 2011, p. 19)”.

Sob o aprofundamento da crise do fordismo na década de 1960, é nos anos 1970/80 em que o capital se reorganiza no âmbito da produção, modificando suas estruturas, e tendo por alicerce a globalização, a financeirização e as formas de exploração *just in time*, juntamente a políticas neoliberais.

Diante disso, a flexibilização em âmbito político e econômico veio imbuída de mudanças no processo produtivo e durante a década de 1970 – e posteriormente em 1990 no Brasil – o modo de produção fordista foi mesclando-se com uma “nova” forma de gestão da produção, denominada Toyotismo.

Essa técnica veio como propósito a superação da crise do capital que se deflagrou em 1973, marcada pelo fim do acordo do pós-guerra – Bretton Woods. A mudança técnica do trabalho compõe-se segundo Coriat (1994) em um “enxugamento” e “[...] desespecialização dos operários profissionais e qualificados, para transformá-los em trabalhadores multifuncionais [...] (CORIAT, 1994, p. 53).

Partindo de uma análise do capitalismo central para o periférico, é importante

⁶ Segundo Iamamoto (2015, p.114) “[...] o capital financeiro integra, na expansão monopolista, processos econômicos, políticos e ideológicos, que alimentam o crescente movimento de valorização do capital [...]”

salientar que as particularidades de um capitalismo dependente intensificam uma maior precarização das relações de produção. O “capitalismo retardatário” brasileiro – ou como diria Arantes (2010, p. 222) “uma ex-colônia que nasceu sob o jugo absoluto de um nexos econômico exclusivo” – produzia resultados diferentes da polarização cêntrica dos capitais, tanto no âmbito empírico quanto abstrato. Nas práticas empíricas remetemo-nos as diferentes particularidades organizacionais do país – desconhecimento de um Estado de bem-estar; centralização estatal; não realização de uma reforma agrária; abismo profundo e ampliado de ricos e pobres de forma mais intensa.

No momento histórico que tem por marco a reorganização do capital, o Brasil passava por seu processo de redemocratização – após duas décadas de ditadura no país – o que não impediu do país se inserir na agenda neoliberal, mesmo que de forma “desigual e combinada”.

Santos (2012) aponta que mesmo partindo de uma forma de relações sociais “copistas” dos países cênicos, o Brasil parecia se adiantar no processo da internalização de políticas de cunho neoliberal. Nas palavras da autora:

Considerando-se que a flexibilização já era um princípio estruturante nas relações de trabalho no Brasil, o que muda, nesse particular, é exatamente a dimensão quantitativa de trabalhadores assalariados sujeitos a ela e à iminência do desemprego dela resultante, incluindo agora grupos sociais que, no padrão de desenvolvimento anterior, ficavam “a salvo” dessas contingências em face do contexto expansionista do capitalismo dos monopólios. (SANTOS, 2012, p. 192)

O período de 1990 foi marcado por um intenso processo de privatizações de empresas estatais – incluindo a Companhia Vale do Rio Doce, atualmente VALE, que entra no bojo das empresas vendidas, passando a possuir majoritariamente suas ações voltadas ao capital estrangeiro.

Os anos 2000 também foram marcados por períodos de recessão econômica e com várias tentativas de aumento das taxas de lucro, quando em meados de 2007 a 2008 os países cênicos passaram por uma crise “imobiliária” cunhada pelo tripé da crise do sistema bancário, crescimento nos custos de matérias-primas e uma redução na taxa cambial do dólar (CHESNAIS, 2008). Chesnais (2008; 2017) dialoga com a possibilidade de que a crise desencadeada em 2007 não pode ser referenciada como “apenas mais uma crise do capital”, e sim, um processo sistêmico do capital. Os rebatimentos dessa crise se retardaram – de certa forma – em nacionalidade brasileira, porém sua onda de recessão não deixou de se corporificar.

O contexto brasileiro neoliberal – erguido nas premissas da década de 1990 – obteve com a crise de 2007-2008 uma intensificação da exploração da força de trabalho, da perda dos direitos – com os ideais da reforma Bresser Pereira – grande incentivo a “mercalização” das relações sociais, além do contexto sócio-histórico brasileiro do favor e da ajuda (BOSCHETTI, 2016).

E é sob esses reflexos de crise que em 2015 a barragem da Samarco se rompe, evidenciando a fragilidade do país quanto a supervisão e controle dessas estruturas e colocando em xeque o grande modelo agroexportador brasileiro. E dentro desses limites do capital, situam-se os pescadores artesanais de Regência e as políticas em torno da pesca artesanal do Brasil, analisadas em detalhes no decorrer do texto.

Desabamento da barragem da Samarco e os pescadores artesanais de Regência Augusta (ES)

A vila de Regência foi atingida pela pluma de rejeitos no dia 21 de novembro de 2015 e foi esperada pelos moradores na beira da praia local após 16 dias de percurso pelo Rio Doce. Sendo uma comunidade pequena, a chegada da “lama” interferiu nas atividades de toda a população, pois o rio assim como era usado para o trabalho também correspondia as práticas de lazer de diferentes gerações.

A vila de Regência Augusta conta com a organização de uma Associação de Pescadores – *ASPER* – criada em 1998, onde o principal objetivo visa representar e promover o desenvolvimento econômico dos pescadores que são associados. A associação mantém relação direta com algumas empresas – tal como a Petrobrás – tendo por contramão aos efeitos das interferências postas, melhorias para a associação e os pescadores associados. Além da associação de pescadores os comerciantes possuem uma organização própria. Ressaltamos que embora o número de pescadores cadastrados sejam de 120, há um número considerável de pessoas que pescam independentemente de serem associados ou não, pois faz parte da tradição daquela comunidade.

As ocupações que giram em torno do comércio, como sinaliza Bicalho, “se resume a uma farmácia, um supermercado, vendas, ‘botecos’, pousadas e restaurantes (BICALHO, 2011, s/p), onde, “a reprodução da sociedade depende da existência da natureza” (NETTO; BRAZ, 2012, p. 47) e o processo de pesca artesanal esta imbricado a essa forma de reprodução da própria existência dentro dos limites estabelecidos pelo sistema do capital e como forma de efetivação do ser social, pois a interação com o mar

e com o rio, seja proveniente da pesca ou do lazer fazem parte de uma rotina cultural,

[...] nessa ‘ecologia’ da pesca não somente o corpo do pescador, mas também o seu olhar, encontra-se impregnado pelas paisagens de mar e de rio, paisagens de memória, e por certos modos de fazer e de saber. É, pois, nesse movimento das águas que a carga da história é transportada. (BICALHO, *et. al.* 2014, p.38-9)

Segundo Bicalho (2012, p. 55) “as pescarias em Regência Augusta caracterizam-se pelo ir e vir diário ao mar [...]” e algumas modalidades de pescaria na localidade são: pesca de rede de espera (possuindo ou não o barco) – essa modalidade pode ser realizada tanto no rio quanto no mar; Caceio, que é a pesca de peixes do mar que desovam no rio em determinadas épocas do ano; linha de mão, que é a pescaria com anzol; e a tarrafa, que consiste na fabricação de um utensílio caracterizado por uma rede redonda com alguns pesos (BICALHO, 2012). Essas técnicas e habilidades de pescar compõe-se em uma riqueza cultural da região onde a arte de pescar é transmitida via narrativa de experiências. Nas palavras de *Carabeba*: “Ensinei todos os filhos a pescar, se falar assim: vamo pescar? Todo mundo já sabe o esquema da pescaria.” Segundo dados coletados na pesquisa, é possível fazer apreensão dessa relação homem e natureza, no intercâmbio material que se estabelece com a ida ao mar ou a praia para pescar.

As alterações nas formas de sociabilidade dos pescadores da vila de Regência já se caracterizavam por constantes mudanças, por consequência da instauração dos grandes projetos industriais que tem como marco no Espírito Santo a década de 1960 e que foi se aprofundando com o contexto macroestrutural da crise do sistema do capital. O desenvolvimento de multinacionais elencadas à exploração dos recursos naturais e da força humana que trabalha fragilmente regulamentada nos países periféricos tem por base uma interdependência com os países de capitalismo central sob a sintonia de um desenvolvimento “desigual e combinado”, onde a premissa para a acumulação de riquezas nos países de capital “desenvolvidos” é *sine qua non* à exploração dos recursos dos países ditos “em desenvolvimento” (BEHRING; BOSCHETTE, 2011; MESZÁROS, 2011). Com o processo de rompimento da barragem da Samarco, a constituição da rotina de trabalho dos pescadores artesanais foi totalmente suspensa, ao qual a sua autonomia econômica foi depositada à emissão de um cartão de “benefício”⁷ concedido pela empresa – via Fundação Renova⁸ – e que regulamenta quem são os considerados “atingidos por

⁷ Diante um posicionamento políticos, os autores desse texto não corroboram com o termo utilizado pela Fundação Renova, partindo do pressuposto que a culpabilização pelo ocorrido recai sobre a empresa.

⁸ A Fundação RENOVA nasceu após a assinatura do “Termo de Transação de Ajustamento de Conduta (TTAC)” que Samarco e seus acionistas, o governo Federal, os governos do Estado de Minas Gerais e

barragens”.

Segundo pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Populações Pesqueiras e Desenvolvimento no Espírito Santo (GEPPEDES)⁹ juntamente com o Greenpeace:

Os pescadores e pescadoras que respeitam a proibição não conseguem mais exercer a profissão e estão vivendo na dependência do auxílio emergencial (valor muito abaixo dos ganhos da atividade pesqueira). Outros tentam pescar em outras regiões (lagos e rios próximos), entretanto, enfrentam dificuldades para vender o pescado devido ao temor de contaminação. Logo, para ‘não ficar parado’ e ‘ficar doente, com a depressão’, alguns buscam formas alternativas de trabalho (com alimentação, tentam alugar casas e outros serviços esporádicos), no entanto, conforme apontaremos no relatório, essas atividades também foram prejudicadas e dessa forma, o desemprego tem sido uma constante nas regiões pesquisadas (LEONARDO, *et. al.* 2017, p.61).

Ainda ancorados pela pesquisa do GEPPEDES, cerca de 99,3% dos entrevistados avaliaram como dano advindo do rompimento da barragem a mudança na rotina, seguida pelo prejuízo no lazer (91,4%) e prejuízo sobre a pesca (81,6%) (LEONARDO, *et. al.* 2017, p.14), apontando que a ligação dessa comunidade com o mar e o rio está além de ser pautada em relações meramente econômicas, mas sim, através de um vínculo de pertencimento, de efetivação do ser social, de interação homem e natureza.

Ou seja, o desdobramento do cenário pautado após o rompimento da barragem, expressa em Regência Augusta múltiplas expressões da questão social – tais como o desemprego, questões ambientais e de saúde mental, juntamente à perda da cultura e tradição pesqueira na região.

Desvincular a questão ambiental da constituição do capitalismo é impensável para apreender os fenômenos que compõe a realidade cada vez mais mórbida nas particularidades que envolvem barragens e seres humanos. Segundo Löwy (2008, p. 80) “[...] se você não quer falar do capitalismo, não adianta falar do meio ambiente, porque a

Espírito Santo, juntamente com representações de instituições nacionais sobre o Meio Ambiente participaram para pensar alternativas de ressarcimento aos atingidos que tiveram seu modo de vida completamente modificado pela pluma de rejeitos que se estendeu de Mariana ao longo do Rio Doce. O objetivo dessa fundação e proporcionar a distribuição dos auxílios disponibilizados pela empresa – através de cadastramento de pessoas físicas e jurídicas com o objetivo de traçar um perfil de “atingido” – e o desenvolvimento de estudos que aprofundem a dimensão do impacto socioeconômicos dos distritos afetados (LEONARDO *et al.*, 2017).

⁹ Esse grupo está vinculado ao Departamento de Ciências Sociais, no Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), coordenado pelas professoras Dr^a Aline Trigueiro e Dr^a Eliana Santos Junqueira Creado. Importante salientar que o GEPPEDES desenvolve pesquisas na comunidade de Regência Augusta antes do desabamento da barragem de Fundão/MG em 2015, o que consolida pesquisas densas e maior aproximação dos pesquisadores com os moradores da comunidade.

questão da destruição, da devastação, do envenenamento ambiental é produto do processo de acumulação do capital”. Em outras palavras, as catástrofes acometidas contra a vida e o meio ambiente são consequências de um processo de um aumento das taxas de lucro desenfreado que se constitui através de um número cada vez mais frequente de instabilidades climáticas, extinção de espécies, destruição de cidades, juntamente ao extermínio de práticas culturais.

No que tange a vida humana, de acordo com o entrevistado *Pescadinha*, o rompimento da barragem da Samarco que afetou a região de Regência Augusta:

Tirou meu lazer, meu trabalho, a minha brincadeira, a minha liberdade, ou as minhas fugas, os meus sorrisos, afetou total a minha vida o rompimento. É muito triste a situação desse rompimento né. E a coisa só está se agravando mais né

A mudança no processo de trabalho também foi sentida pois as atividades tanto em rio quanto em mar foram suspensas pelos órgãos governamentais, por desconhecerem a dimensão do impacto na fauna da região, impossibilitando os pescadores artesanais de desenvolverem suas atividades de trabalho. De acordo com o relato do entrevistado:

Pescadinha: [...] estamos aí né, discutindo o absurdo que aconteceu como falei antes, que tirou minha paz, meu sossego e minha liberdade. É complicado a situação tá? A gente não sabe como é que tá, ninguém diz como tá. A Samarco fala que pode pescar parcial, mas baseado em que? qual anzol eu vou usar? Qual isca eu vou usar? Onde que eu vou vender esse peixe? Como pode liberar parcial a pesca? É complicado a situação. Está tudo perdido. Eu tenho um sítio no meio do rio lá, que eu produzo milho, feijão arroz, eu sou pescador e produtor, não consigo parar. Na hora da folga tô trabalhando, imagina. Eu planto as coisas e nasce, mas não consigo nem comer, porque não consegui fazer uma análise do solo. É muito triste porque nem na roça você pode plantar mais, porque a lama passou ne.

Além da impossibilidade de pescar, muitos instrumentos de pesca têm se perdido por conta da falta de uso, o que acarreta um prejuízo não visado pelo Estado e a empresa. Nas palavras de Corvina sobre a relação de trabalho na pesca:

Mudou tudo. Você tem uma vida de pescador, todo mundo aqui, entendeu, não vou dizer 100%, mas 50% trabalhava, hoje o desemprego aumentou muito, ne entendeu. A maioria pescador, aí fazerem o que? Proibiram a pesca, hoje só pra fins de pesquisa. Diz eles ne. Aí tem o órgão ambiental, que seria o IBAMA, aí quer dizer, como você vai viver? Uma vida de pescador e não pode mais pescar, vai fazer o que?

Identificamos no curso da pesquisa que 60% dos entrevistados não estavam desenvolvendo alguma atividade remunerada, 20% estavam como autônomos, 10% em regime de contrato temporário e 10% realizavam pesca em alto mar. Ou seja, as formas alternativas de complementação da renda se dava pelas vias da informalidade, contribuindo para o processo de insegurança no que tange a reprodução da vida familiar.

Além de corresponder a uma atividade econômica de grande impacto no Estado, a pesca tem uma herança cultural forte dentro das comunidades locais, trazendo uma outra dimensão do trabalho, do reencontro do homem com a comunidade e a natureza. Em uma passagem dos *Grundrisse*, em as *formas que precederam a produção capitalista*, Marx assinala uma autonomia do homem em comunidade, no que diz respeito à sua relação com o meio ambiente, não em uma forma de atividade sacrificante e abstrata, mas sim, firmado em uma existência objetiva. Para o autor:

A terra é o grande laboratório, o arsenal, que fornece tanto o meio de trabalho quanto o material de trabalho, bem como a sede, a base da comunidade. Eles se relacionam com a terra ingenuamente, como propriedade da comunidade, e parte, como membro dessa comunidade, cada indivíduo singular se comporta como proprietário ou possuidor (MARX, 2011, p. 389).

Corroborando com a afirmação sobre o metabolismo entre homem e natureza, o entrevistado narra que:

Carabeba: Acordo de manhã cedo e não tem mais aquilo que eu fazia antigamente, pescar. Que era só pescar, não era outra coisa. Era a minha vida ne, a pescaria. A minha vida era pescar, gostava do que eu fazia e agora eu não faço mais, tem hora que dá vontade de ir pro mar, de ficar lá fora no mar. Quando eu vou pro mar, vishi, aquilo subi “pras” nuvens tô lá no céu. Só o cheiro da maresia me, se eu tô com 56 anos se eu tô no mar fico com 15 anos, 16 anos mais novo. E agora eu não posso ne? E agora eu tenho que ficar aqui nesse jeito aqui, esperando ne até quando Deus quiser.

Diante do exposto, o capital e as formas destrutivas de acumulação provocam – de forma cada vez mais intensa – a destruição dessa conectividade do homem com o meio, ocasionando o que Marx (2011) denomina de ruptura sociometabólica. Nas palavras de Altvater (2006, p.335):

Marx sabia que as crises capitalistas operavam como ‘fontes da juventude’ em que o sistema capitalista encontra remédios para sua recriação, estabilização e novas dinâmicas em um novo vaivém positivo da economia: ‘destruição criadora’.

Assim como as guerras, entendemos as catástrofes ambientais como uma das “fontes da juventude” da acumulação do capital, tendo por primazia a efetivação do lucro as custas da destruição humana e ambiental.

Considerações Finais

De acordo com os dados coletados no processo de pesquisa os pescadores artesanais perderam parte de seu processo de trabalho, onde na falta do rio e do mar, as atividades tanto laborais quanto culturais estão impedidas de serem realizadas. Entendemos que desabamentos de barragens, como foi o caso de Mariana/MG (2015) e

recentemente Brumadinho (MG) (2019) não são casos isolados dentro da sociabilidade do capital, mas fazem parte de uma estrutura totalizadora que não integra o meio ambiente e a humanidade no seu projeto de expansão. Além da impossibilidade de realização da pescaria, os pescadores foram submetidos ao recebimento de um auxílio emergencial, com duração de cinco anos – podendo ser renovado – mais 20% do valor por dependente e uma cesta básica para suprir a reprodução familiar. Levando em conta que 100% dos entrevistados afirmaram que o auxílio não contempla todas as necessidades de reprodução da vida social, os pescadores – homens e mulheres do mar – inserem-se em trabalhos precários, instáveis e sem um possível retorno sobre a real situação e o nível de contaminação do rio e do solo.

Diante disso, após três anos de lama, identificamos que as medidas tomadas pela Fundação RENOVA não são suficientes, além de ser um processo irreparável tanto humano quanto ambiental. Necessário que busquemos formas de garantia dos direitos dos atingidos que tiveram sua conexão com a natureza ceifada pelo capital. Já que entre socialismo ou barbárie – se tivermos sorte – como sinaliza Mészáros (2011), não tivemos sorte, que busquemos uma reação ativa frente à barbarização do capital perante a vida, e que possamos entender que a questão ambiental e o trabalho são inseparáveis das objetivações da vida material, portanto, lutar pelo fim do trabalho abstrato e por um intercâmbio orgânico com a natureza se constitui como pauta central no processo de emancipação. Como afirma Walter Benjamim, o capitalismo não morrerá de morte morrida. É necessário que seja de morte matada pelas mãos dos trabalhadores e trabalhadoras que buscam uma nova forma de organização social.

Referências

ALTVATER, Elmar. Existe um marxismo ecológico? In: BORON, Atilio; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina (Org.). **A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas**. Buenos Aires: CLACSO, 2006.

ARANTES, Paulo Eduardo. 1964, o ano que não terminou! In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir. **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2010.

BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. **Política Social: fundamentos e história**. São Paulo: Cortez, 2011.

BICALHO, Charlene Sales. **Impactos dos projetos de desenvolvimento na pesca artesanal de Regência Augusta/ES**. Vitória: PPGCS, 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/view/1530/1121> Acesso em: 07 dez. 2017.

BICALHO, Charlene Sales; et al. Movimento das Águas Caboclas: narrativa visual, cotiado e ruptura na comunidade pesqueira de Regência Augusta/ES. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v.2, n.1, p. 19-42, 2014.

BICALHO, Charlene Sales. **Além da superfície: impactos do desenvolvimento na pesca artesanal de Regência Augusta-ES**. 2012. Dissertação (Mestre em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

BOSCHETTI, Ivanete. Tensões e possibilidades da política de assistência social em contexto de crise do capital. **Argumentum**, v.8, n.2, p.16-29, maio/ago. Vitória, 2016

BOTELHO, Maurilio Lima. **Crise da sociedade do trabalho: teorias em conflito**. 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

CHESNAIS, François. A queda do dólar: aspecto pouco discutido da crise actual. **O comuneiro**. Lisboa/Portugal, n.6, 2008. Disponível em: www.ocomuneiro.com/nr06_03_francoischesnais.html. Acesso em: 03 de Maio de 2018.

CHESNAIS, François. O capitalismo encontrou limites intransponíveis? **O comuneiro**. Lisboa/Portugal, n.24, 2017. Disponível em: www.ocomuneiro.com/nr24_01_FrancoisChesnais.html . Acesso em: 03 de Maio de 2018.

CORIAT, Benjamin. **Pensar pelo avesso: o modelo japonês de trabalho e organização**. Rio de Janeiro: Revan: UFRJ, 1994.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capitalismo financeiro, trabalho e questão social**. São Paulo: Cortez, 2015.

LEONARDO, F. et al. **Rompimento da barragem de Fundão (SAMARCO/VALE/BHP BILLITON) e os efeitos do desastre na foz do Rio Doce, distritos de Regência e Povoação, Linhares (ES)**. Relatório de Pesquisa. GEPEDES. 2017.

MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **Miséria da Filosofia**. São Paulo: Boitempo, 2017a.

MENEGAT, Marildo. Unidos por catástrofes permanentes: o que há de novo nos movimentos sociais da América Latina. In: **ANAIS... VII SIMPÓSIO NACIONAL ESTADO E PODER: SOCIEDADE CIVIL**, 2012, Uberlândia, MG. Uberlândia: Núcleo de Pesquisa em História, Cidade e Trabalho – NUHPECIT/UFU; Niterói, RJ: Núcleo de Pesquisas sobre Estado e Poder no Brasil – NUPEP/PPGH/UFF, CAPES, 2012.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011

NETTO, José Paulo. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2011.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2012.

NETTO, José Paulo. **Uma face contemporânea da barbárie**. 2010. Disponível em: <http://pcb.org.br/portal/docs/umafacecontemporaneadabarbarie.pdf>. Acesso em 04 de abril de 2018.

SANTOS, Josiane Soares. **“Questão Social”**: particularidades no Brasil. São Paulo: Cortez, 2012.